

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n32.08>

Coronavírus *and* visons: o tecnodiscurso do Direito Animal em redes sociais e suas formas de apagamento

Coronavirus “and” mink: the discourse of animal rights in social networks and your payment methods

Letícia Nascimento Alvarenga Pinheiro*

Anderson Ferreira**

Micheline Mattedi Tomazi***

Jarbas Vargas Nascimento****

Resumo: O presente artigo estuda o discurso do direito animal na enunciação jornalística sobre o caso do “escândalo dos visons”, na Dinamarca. Visa-se, em especial, a identificar os posicionamentos discursivos que atravessam as interações em redes sociais do debate sobre o extermínio de toda a população de visons naquele país. O aparato teórico-metodológico fundamenta-se na Análise do Discurso em torno das propostas de Maingueneau (2008) e Paveau (2021) e na Análise Perspectivista de Rede (MALINI, 2016). Os resultados revelam que nas interações em redes os enunciadores invocam identidades antiespecistas de engajamento e utilizam diferentes modos de enunciação para marcar uma diferença social. Além disso, a enunciação político-midiática sobre o “escândalo dos visons” tende a apagar o problema da exploração dos animais. Por isso, as identidades antiespecistas emergem nas margens dessa enunciação.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso do direito animal. Posicionamentos discursivos. Enunciação político-jornalística. Vison.

Abstract: This article studies the discourse of animal rights in the journalistic enunciation of the Denmark mink scandal. It aims to identify the discursive positions that cross the interactions in social networks of the debate about the extermination of the entire population of mink in that country. The theoretical-methodological framework bases itself on discourse analysis around the proposal of Maingueneau (2008) and Paveau (2021) and in the perspectival method for social network analysis (MALINI, 2016). The results reveal that in networks interactions the enunciators invoke anti-speciesist identities of engagement, and use different modes of enunciation to mark a social difference. In addition, the political-media enunciation about the “mink scandal” tends to erase

* Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

** Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/CAPES/PNPD).

*** Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

**** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)/Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

the problem of animal exploitation. Therefore, anti-speciesist identities emerge on the margins of this enunciation.

Keywords: Discourse Analysis. Speech of animal rights. Discursive placements. Political-media enunciation. Mink.

Introdução

No início de novembro de 2020, a primeira-ministra da Dinamarca, Mette Frederiksen, convocou uma coletiva de imprensa para anunciar o sacrifício de população de visons no país, ou seja, aproximadamente 17 milhões desses mamíferos. Segundo as autoridades de saúde, a transmissão do novo coronavírus para esses animais, e, depois, deles para doze pessoas, sofreu uma mutação que poderia evoluir para uma nova variante do vírus, ameaçando, assim, a potencial eficácia das vacinas em estudo naquele momento. A decisão pelo sacrifício de toda a população de visons gerou uma crise interna naquele país e provocou disputas políticas entre o governo social-democrata dinamarquês e os partidos de oposição. Essas disputas focalizavam, a princípio, a suposta legalidade da decisão e uma possível crise na economia.

O “escândalo dos visons”, como foi chamado pela imprensa local, preocupava especialistas em finanças e economia dentro do governo, já que peles de vison são a terceira maior fonte de exportação do país escandinavo, que possui mais de mil fazendas de produção em seu território. O sacrifício em massa dos animais teve um custo de aproximadamente 4,4 bilhões de reais. Além disso, países como o Reino Unido, Irlanda e Noruega, por exemplo, aumentaram as restrições para a entrada de cidadãos dinamarqueses e de estrangeiros vindos da Dinamarca. O Reino Unido, ainda, proibiu a entrada de navios de carga e caminhoneiros dinamarqueses. A crise atingiu a indústria de peles e as exportações no setor. Havia, também, o temor de que ela abalasse a imagem de alto padrão da Dinamarca em exportações e

em qualidade dos produtos alimentícios.⁵ Além disso, acrescentava-se a esses embates político-econômicos o risco real que a mutação do vírus Covid-19 nos visons representaria para os seres humanos. O ministro da Agricultura e Alimentação da Dinamarca, Mogens Jensen, não suportando a pressão acerca da polêmica gerada pelo anúncio do sacrifício dos visons, renunciou ao cargo. Considerada pela própria primeira-ministra, Mette Frederiksen, como “erro lamentável”, a decisão provocou embates nas mídias sociais.

Nesse cenário, debruçamo-nos sobre esses embates “mais abertos” nas mídias sociais, em particular no Facebook, sobre o “escândalo dos visons”. Nosso objetivo precípua é examinar as postagens de usuários sobre o caso em foco. Essas postagens, tomadas neste artigo como discurso, empenham-se para iluminar a problemática do Direito Animal que, na enunciação político-midiática, fora apagada. Observamos que, no espaço discursivo jornalístico – em que circulavam os posicionamentos político, jurídico e econômico –, emergiram posicionamentos discursivos em redes sensíveis à causa animal, mas que, nas notícias sobre os visons, eram apagados.

Para proceder o nosso estudo, fundamentamo-nos no aparato teórico-metodológico interdisciplinar oferecido pela Análise do Discurso de linha francesa (AD), em sua perspectiva enunciativo-discursiva, em particular a praticada por Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2013, 2015a, 2020) e pela Análise Computacional Perspectivista de Rede (MALINI, 2016, 2020a, 2020b) em diálogo com alguns verbetes da Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021). Das propostas de Maingueneau (2008), mobilizamos a categoria de posicionamento discursivo, antes tratada pelo linguista francês em termos de formações discursivas. Como faremos notar, a noção de posicionamento discursivo é

⁵ Dados disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/11/12/crise-sobre-a-matanca-de-visons-provoca-uma-disputa-politica-e-temor-de-crise-economica-na-dinamarca.htm>> Acesso em: 10 dez. 2020.

bastante ampla e tende a ser compreendida, de modo equivocado, como homogênea.⁶ Por isso, a Análise Computacional, por meio de métodos digitais de tratamento de *corpus*, visou a fazer ranger toda a heterogeneidade no interior desses posicionamentos. O diálogo com a Análise do Discurso Digital nos permitirá discutir o tema em questão a partir de conceitos que integram o textual-discursivo em um ambiente tecnodiscursivo.

Indicamos os termos (*queries*⁷) *coronavirus and visons*⁸ de 1º de novembro de 2020 até o dia da busca, 30 de novembro de 2020. Nesse período, foram coletados 52 *posts* veiculados na rede social Facebook e um total de 5.547 interações. A partir da coleta, mineração, visualização, modularização, modelagem e reprocessamento de dados na plataforma Facebook, foi possível observar enunciadores-perfis que exigem o direito à fala no caso do “escândalo dos visons”, isto é, foi possível reunir um conjunto de enunciados sobre o Direito Animal. Coletado o *corpus* por meio do processo digital, consideramos a enunciação jornalística para construir as condições de enunciabilidade do anúncio da primeira-ministra, Mette Frederiksen, sobre o sacrifício dos visons na Dinamarca. Em seguida, recortamos três textos – postagens de usuários – para proceder a uma análise dos posicionamentos em

⁶ A noção de posicionamento discursivo, proposta por Maingueneau (2008), advém de sua hipótese sobre uma “competência interdiscursiva”, que seria uma aptidão dos enunciadores de um dado discurso em dominar, implicitamente, os enunciados de sua formação discursiva, um político, por exemplo. Porém, quando se trata de formações discursivas antagonistas a ele, para ficar no exemplo do enunciadador político, este enunciadador sempre as traduz em seu próprio sistema de restrição. De fato, é relevante ressaltar que as formações discursivas não são homogêneas, como um quadro fixo estático. Assim, dentro do campo político, existem muitas intersecções e fissuras enunciativas. Como sabemos, um enunciadador político nem sempre irá “traduzir” uma formação discursiva política antagonista por meio de um discurso, “propriamente”, político, ele pode acionar outros, como o religioso, o econômico, o científico etc.

⁷ Um *query* é basicamente uma solicitação de informações a um banco de dados, a partir de um código pré-definido, conhecido como linguagem de consulta. Os dados gerados podem retornar como imagens, gráfico ou resultados complexos.

⁸ Separamos postagens apenas em português por meio do operador de intersecção *and* (Ver MALINI, 2020a [On-line]).

rede, bem como à análise discursiva dos posicionamentos, que se esforçavam para iluminar o discurso do Direito Animal, recuperando as notícias sobre o caso.

Afora a introdução, organizamos o artigo em quatro seções. Na seção “O escândalo dos visons”, procedemos a uma necessária problematização do tema. A seção seguinte, “Os posicionamentos discursivos”, dá lugar ao aparato teórico-metodológico que fundamenta nosso trabalho. Na sequência, na seção “O primata sem pelo”, descrevemos a metodologia de construção do *corpus* e procedemos às análises. Nas “Considerações finais”, discutimos alguns pontos incitados no trabalho.

“O Escândalo dos visons”

Os animais são explorados pelos seres humanos de diversas formas, seja como animais de estimação, seja na produção agropecuária, em pesquisas científicas e em manifestações culturais. Nesse sentido, o discurso do Direito Animal atravessa diferentes espaços sociais, na tentativa de iluminar não apenas práticas de maus-tratos e de consumo, como também de utilização e de exploração dos animais. É, sem dúvida, um discurso tensionado, já que se constitui no interior de uma cultura que protege certos animais por familiaridade e, ao mesmo tempo, submete outros à condição de produto, visando ao lucro de grupos financeiros hegemônicos.⁹

Os posicionamentos (tecno)discursivos¹⁰ são regidos por linhas de força constantemente tensionadas e, quando se trata de exploração da vida animal, as tensões se apresentam em forma de dualismos,

⁹ Cães e gatos são considerados membros da família, já porcos, vacas, bois e galinhas, por exemplo, são animais para criação, reprodução e consumo.

¹⁰ Entendemos por tecnodiscurso todo discurso produzido no espaço digital da web 2.0 cuja natureza vai além da ordem linguageira considerando a coconstrução das formas linguageiras com as determinações técnicas (composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade), próprias dos discursos nativos digitais (PAVEAU, 2021).

que margeiam opiniões “pró” e “contra” a manutenção de práticas culturais sedimentadas no tecido social. Nessas tensões constitutivas, “os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados a partir da matéria linguageira, mas sim como compósitos, que integram o linguageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.” (PAVEAU, 2021, p. 159). Nesse sentido, a perspectiva ecológica do discurso, o ecodiscurso, é recebido, em parte, como excêntrico, no sentido de permanecer à margem das demandas sociopolíticas. No entanto, essa visão pós-dualista instaura uma simetria entre a ordem da linguagem e a ordem da realidade, levando em conta todo o ambiente.¹¹ Por isso, no ambiente nativo digital, não apenas o ecodiscurso passou a circular de modo mais rápido e amplo, como também as lutas em torno da causa animal obtiveram certo êxito em relação às denúncias de maus-tratos.

Em um contexto de conexão virtual, os tecnodiscursos se costuram em um ritmo vertiginoso no tecido social. Com isso, podemos observar um número, virtualmente, infinito de enunciadores digitais, cujas vozes ecoam para investir no debate público no interior da internet e, particularmente, entre mídias sociais e possibilidades sociotécnicas da internet. É o que presenciamos no ano de 2020, em que o planeta experimentou mais um triste e grave quadro pandêmico com a disseminação mundial do novo coronavírus (causador da Covid-19). Vírus que não apenas causou uma crise sanitária e de saúde pública, mas também saturou a temática sobre a doença num dizer em excesso (DELEUZE, 1996).

Na verdade, nas práticas tecnodiscursivas em torno do coronavírus, investiu-se em um espaço de trocas, “onde os cidadãos

¹¹ Vale anotar aqui a crítica que Paveau faz sobre a separação entre o verbal e o não verbal na perspectiva da análise digital, já que a noção é pós-dualista, simétrica e coloca em diálogo não apenas o discursivo, mas todo o ecossistema. O agente enunciativo (sujeito) não é fonte produtora de seu dizer, mas um ecossistema digital cointegrado.

mascarados [puderam] mostrar as suas diferenças e se envolver no confronto violento e apaixonado, [permitindo-lhes] continuar a partilhar, na vida real, o mesmo espaço nacional sem chegar a socos ou armas” (AMOSSY, 2011 [On-line]). E, embora tenhamos histórico com outras vivências semelhantes, como a peste negra e a gripe espanhola, foi a primeira vez que lidamos com uma pandemia infecciosa em posse de tecnologias sociodigitais, que conectam os indivíduos em rede.

Nesse cenário, convergiram o direito à palavra – de certa forma já instaurado pela internet – e o dizer em excesso sobre a pandemia. Ou seja, as interações tecnodiscursivas durante algum tempo voltaram-se, de modo obsessivo, ao caso do coronavírus. Se antes a palavra estava reservada apenas àqueles que tinham acesso aos restritos meios de comunicação e de informação, nas atuais condições sócio-históricas e culturais ela é objeto de luta. As mídias sociais, nesse particular, investem em melhoramentos das técnicas necessárias para o controle da palavra. E, mesmo que a pandemia tenha suscitado um “caos” verbo-semiótico, a descentralização da palavra não escapou ao desejo de alguns de controlar os discursos em circulação (MAINGUENEAU, 2015b). Nesse lugar de embates, é do nosso interesse um caso bastante peculiar no interior do interdiscurso sobre a pandemia.

Após o anúncio do sacrifício de 17 milhões de visons feito pela primeira-ministra da Dinamarca, instaurou-se uma crise política e econômica naquele país. Além disso, um movimento discursivo nas mídias sociais empenhou-se para denunciar as variadas práticas culturais de exploração de animais. Em geral, esse movimento focalizava o conteúdo do anúncio – o sacrifício de 17 milhões de visons – para confrontar, no bojo do discurso do Direito Animal, outros discursos, como o econômico, o político, o científico, entre outros.

No debate público entre redes, os comentários dos usuários tentavam iluminar o fato de os visons serem mantidos enjaulados

em criadouros para o abate, o corte de suas peles e a confecção de casacos. A crítica estendeu-se, então, à defesa não apenas daqueles mamíferos, mas de todos os animais explorados em nossa sociedade, reforçando, em especial, a denúncia de o ser humano ser o “verdadeiro vírus do mundo”. A enunciação jornalística, por sua vez, acentuava os números “frios”, “15 milhões”, “17 milhões de animais serão sacrificados” e os desdobramentos das implicações político-econômicas.

Um modo de ilustrar esse embate por um ângulo mais familiar seria, por exemplo, estabelecer um comparativo do caso dos visons com animais de estimação, como cães e gatos.¹² Trata-se, contudo, de perceber a emergência de certo especismo seletivo na enunciação jornalística. O especismo, de fato, pode ser compreendido por sua incoerência do ponto de vista ético, mas, bem mais, pelo efeito de naturalização que provoca nas discussões sobre o direito animal.¹³ Fato esse, pensamos, que ficará mais evidente em nossas análises.

Por ora, vale notar que o discurso do Direito Animal é mais “homogêneo” em relação às suas demandas sociais e ecológicas, dispensando, de certa forma, embates incessantes entre enunciadore-perfis em torno da causa animal. Todavia, esses enunciadores quase sempre “dizem” num espaço de luta e poder, altamente, heterogêneo. Dito de outro modo, o posicionamento ecológico, que reúne identidades antiespecistas, é gestado no interior de posicionamentos que concebem o especismo antropocêntrico como a fonte de seus valores. Para explorar esses atravessamentos, propomos, na próxima seção, um diálogo entre a Análise Perspectivista de Rede (MALINI, 2016) e a noção de posicionamento discursivo (MAINGUENEAU, 2008).

¹² Basta observar o tratamento dado pela mídia jornalística aos animais domésticos (pets) quando surgem casos de suspeita de infecção com o novo coronavírus, particularmente, cachorros e gatos.

¹³ Ver, por exemplo, o Projeto de Lei PLC 27/2018 e suas respectivas Emendas.

Os posicionamentos discursivos

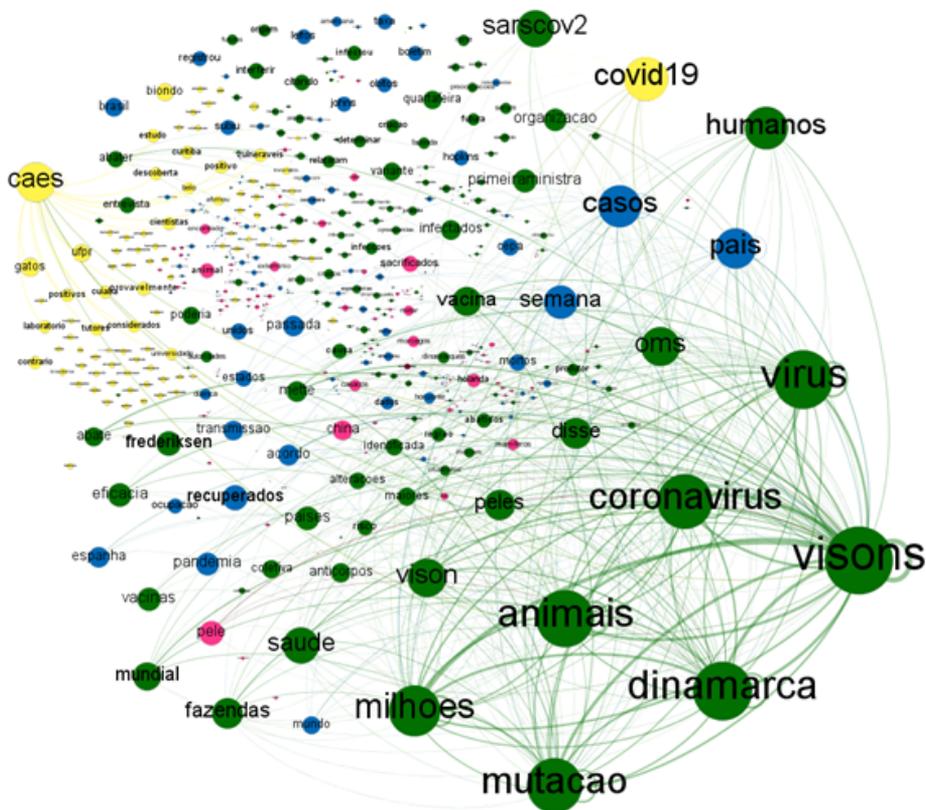
Os modos de produção, circulação, disseminação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos no espaço digital da internet estilhaçam, de certa forma, os núcleos temáticos advindos das informações noticiosas. No “escândalo dos visons”, embora o posicionamento jornalístico se esforce para traduzir o *outro* em um campo semântico de crise da saúde pública, não deixa de revelar marcas linguísticas, que o aproximam de posicionamentos que lutam para interpretar essa crise em termos econômicos e políticos. Assim, não apenas são produzidos efeitos de sentido diversos, mas são igualmente diversos os intérpretes desses efeitos.

Isso não significa, necessariamente, ampliação de informações, debates éticos ou produção de conhecimento. O que se observa, em última instância, é a discursivização de opiniões que insuflam o debate público de modo mais amplo. Em geral, não há um esforço pelo consenso. Ao contrário. Como lembra Amossy (2011 [On-line]), na falta de um acordo, é preciso assegurar a convivência do dissenso. Não obstante essa interincompreensão regulada (MAINGUENEAU, 2008), as mídias sociais como o Facebook disponibilizam recursos tecnológicos de interação (*hiperlinks*, curtidas, compartilhamentos, *emojis*, *emoticons*) que, embora possibilitem a descentralização do debate, tendem a reunir posicionamentos discursivos em que o *outro* é o *mesmo*, criando, assim, bolhas discursivo-ideológicas.

Esses posicionamentos encontram-se em relação de ampla concorrência (oposição, conciliação, negociação) e, conforme especifica Maingueneau (1997, 2008), estão inseridos num jogo de equilíbrio estável. Cada posicionamento discursivo delimita-se por uma posição enunciativa com outros posicionamentos. Assim, a fim de examinar os modos de interpelação entre posicionamentos no procedimento de análise discursiva, é preciso eleger um posicionamento para ocupar

o centro do campo do debate público. Opção do analista, haja vista que, a princípio, são os dizeres em excesso que dão destaque a certos posicionamentos em dada conjuntura histórica. E, na Análise Perspectivista de Rede (MALINI, 2016), não apenas os dizeres em excesso iluminam certos posicionamentos, mas, em particular, a disseminação desses dizeres entre enunciadores-perfis coloca em evidência esses posicionamentos. As cores abaixo (Figura 1) indicam redes semânticas em semelhança.

Figura 1. Grafo 1. Repulsão e atração



Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

Conforme dissemos, enquanto a enunciação jornalística veiculava o “escândalo dos visons”, dando destaque aos números frios, “15 milhões”, “17 milhões”, os enunciadores-perfis da mídia social Facebook utilizavam recursos de compartilhamento para sobrelevar a questão do Direito Animal. A cor rosa (Figura 1) representa os enunciadores que se esforçavam para colocar a demanda ecológica e antiespecista no centro da discussão.

Esses embates discursivos aparecem bem representados na teia de palavras no Grafo acima (Figura 1). Gerado com as 50 palavras mais recorrentes nas postagens do Facebook para *coronavírus and visons*, compõe-se de um total de 704 Nós e 9021 arestas.¹⁴ Distribuídas topologicamente de acordo com o algoritmo de repulsão e atração, as cores verde, rosa, azul, amarelo e vinho representam os grupos temáticos, os *clusters* ou perspectivas, para usar a terminologia da Análise Perspectivista de Rede, proposta por Malini (2016).¹⁵ Ilustramos por meio da tabela abaixo:

Tabela 1. Distribuição das cores e palavras

Perspectiva	Porcentagem	Palavras mais destacadas
Verde	35,94	visons; Dinamarca; animais; humanos
Rosa	27,98	pele; sacrificados; animal; matar; extermínio
Azul	19,18	casos; país; semana; pandemia; mundo
Amarelo	13,07	covid19; cães; gatos; ufpr; cientistas
Vinho	3,94	encontrada; agencia; jutland; isolarão; áreas

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Uma vez que se trata de um universo temático relativamente particular, a tendência é que as palavras fiquem mais próximas

¹⁴ Na linguagem computacional, o termo “nó” sugere amarrações, conexões, interligações. Optamos, nesse trabalho, pela grafia em maiúscula “Nó” ou “Nós”, no plural, para não se confundir com o pronome “nós” em 1ª pessoa do plural.

¹⁵ Embora não se trate de uma rede muito extensa, é o processamento eletrônico que nos assegura essa informação e fornece uma compreensão mais precisa e direcionada dos principais léxicos utilizados nas postagens em análise.

umas das outras, de modo que haja uma rede semântica menos diversificada. Nessa direção, podemos inferir, a partir da observação do Grafo, que há um nível de coesão moderado, em que se consolida uma aglutinação das cores, convivendo, em certa medida, com uma mistura efetiva delas, evidenciando, portanto, uma heterogeneidade dos posicionamentos discursivos. A análise computacional permite “justamente ler heterogeneidade lá onde só se percebia um imenso campo em que se embaralhavam em todos os sentidos o mesmo e o Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 58). Diante disso, podemos ler heterogeneidade por meio das diferentes cores impressas no Grafo.

Tabela 2. Redes de cores

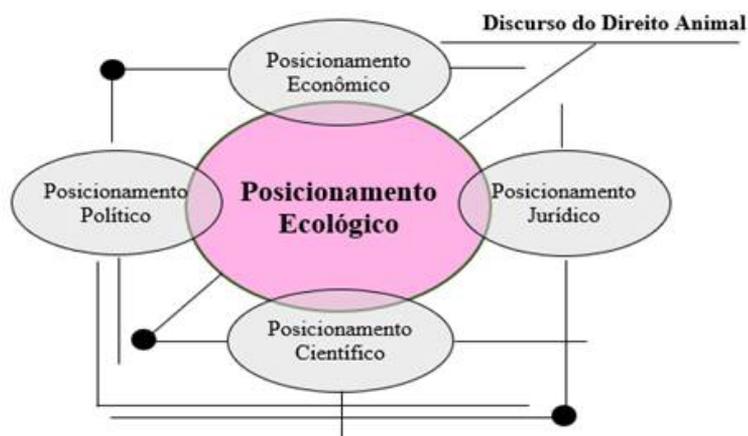
	A rede verde exibe os léxicos relacionados às notícias jornalísticas, que divulgaram a decisão tomada pela primeira-ministra dinamarquesa, produzindo um efeito de sentido ligado a números e dados objetivos.
	A rede rosa, como dissemos, representa o conjunto temático dos atores das publicações no Facebook (sujeitos-perfis), em que se observa uma escolha lexical mais acalorada e empática à causa animal. Na verdade, essa posição enunciativa não deixa de produzir fissuras no interior da enunciação jornalística.
	A rede azul, com menor número de Nós em relação às já citadas, apresenta uma quantidade significativa de conexões, superando em quase o dobro a rede rosa em número de arestas, fato que, de certa forma, indica um posicionamento discursivo mais “hegemônico” nas condições sócio-históricas e culturais da sociedade contemporânea ocidentalizada.
	A rede amarela traz o assunto relacionado aos estudos sobre animais domésticos no contexto da pandemia.
	A rede vinho é a de menor perspectiva. Com apenas 27 Nós e 27 arestas, sem a utilização de recursos de aumento da imagem, como o “zoom”, não é visível no Grafo (Figura 1). Quando aplicado outro algoritmo de visualização (Figura 2, adiante), é possível observar a existência dessa pequena perspectiva, envolvendo a região de Jutlândia, no Norte da Dinamarca, onde foram encontrados os casos com a mutação do vírus e adotadas as medidas de isolamento. Trata-se, por conseguinte, em nossa perspectiva, de um posicionamento rarefeito em relação aos outros.

Na espacialidade do Grafo (Figura 1), a rede verde aparece mais afastada. Embora reúna ainda menos Nós que as redes rosa e azul, ela supera ambas em conexões, com uma maior quantidade de arestas, ou seja, maior densidade, já que estão ligadas entre si. Assim, os modos de enunciação a respeito de um e de outro tema podem ser observados pela maneira pela qual os tópicos são criados. A rede com carga semântica voltada para animais domésticos aparece topologicamente em posição oposta à rede que trata dos animais explorados para produção. Há uma separação em tópicos distintos, em razão dos diferentes modos de enunciação de cada tema. Essa oposição pode indicar posicionamentos distintos numa mesma arena de embate, cada qual visando a preencher as demandas sociais de acordo com suas inclinações políticas, religiosas e ideológicas. Vejamos, agora, as redes de cores em separado no Grafo a seguir (Figura 2).

particular, revela o discurso do Direito Animal inscrito num espaço de trocas verbais tensionado pelos posicionamentos político, econômico, jurídico, dentre outros. Conforme argumenta Charaudeau (2009 p. 318), “a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sociodiscursivos”. O espaço tecnodiscursivo gerado pelos termos *coronavírus and visons* sinaliza que a identidade antiespecista é constitutiva das fissuras sociais produzidas pelo antropocentrismo.

No esquema 1, alocamos, no centro, o posicionamento ecológico a respeito do “escândalo dos visons”. Dado que o discurso em torno das questões do Direito Animal é apagado na enunciação jornalística,¹⁶ a escolha de iluminá-lo, neste trabalho, está em sintonia com nosso objetivo geral, que é examinar o discurso do Direito Animal e, em particular, os modos de enunciação que, em rede, emergem dele e nele. Assim, o nosso rearranjo acerca dos posicionamentos na enunciação jornalística se apresenta da seguinte maneira:

Esquema 1. Rearranjo dos posicionamentos na enunciação jornalística



Fonte: Elaborado pelos autores

¹⁶ Não podemos desprezar o efeito de afetividade que as notícias produziam com as imagens dos visons em fotografias centrais na cenografia digital, haja vista esses animais serem considerados “focos”.

A opção de colocar no centro do debate em foco o posicionamento ecológico tem a ver com o nosso interesse geral de pesquisa: o discurso do Direito Animal. Entretanto, esse posicionamento está longe de ser traduzido pelo seu próprio sistema de crenças e valores. As linhas que se cruzam no Esquema 1 tem a função de indicar que não se trata de discursos que respeitam uma ordem enunciativa, isto é, são discursos que retomam, sem cessar, outros discursos, num embate constante.

Num dado espaço de trocas, como explica Maingueneau, o sujeito tende a reconhecer como incompatíveis enunciados de posicionamentos de seu *outro*. Ele procura ler e explicitar esses enunciados “nas categorias de seu próprio sistema de restrições” (MAINGUENEAU, 2008, p. 55). Assim, por definição, o sujeito não poderia falsear os enunciados de seu *outro*. Quando inscrito num debate público, ele é interpelado a se posicionar tomando a palavra e, a depender dos lugares em que fala e dos meios materiais que possui, pode fazê-lo realizando diferentes vontades discursivas. Como lembram Charaudeau & Maingueneau (2008), um sujeito em dada posição pode distanciar-se ou apagar-se do debate, ou ainda, engajar-se com a discussão na qual esteja imerso.

No efeito de distanciamento, o enunciador evoca uma identidade de *expert*, no sentido daquele que analisa o fato sem se comprometer com um *elã* social. No de apagamento, ele invoca uma identidade de neutralidade, uma vez que seu modo de enunciação tende a construir sequências argumentativas sem juízo de valor e sem avaliações pessoais. Por fim, quando se engaja, o enunciador solicita uma identidade de antagonista, em razão de a palavra/conceito ser objeto de luta. Veremos, na próxima seção, que, no discurso do Direito Animal, os efeitos de distanciamento e apagamento são raros, para não dizer inexistentes, prevalecendo, portanto, o efeito de engajamento, o qual se deixa mostrar por identidades discursivas cindidas.

O Primata sem pelo

Nesta seção, empreendemos a abordagem metodológica da Análise Perspectivista de Rede, tal como desenhada por Malini (2016). Essa abordagem nos oferece a instrumentalização ideal para o exame do discurso do Direito Animal, na medida em que ilumina as associações e as dissociações das identidades enunciativas no interior dos posicionamentos, o que dialoga com os pressupostos da Análise do Discurso por nós praticada. Além disso, a Análise Perspectivista de Rede, com base na concepção de um modelo híbrido entre elementos humanos e não humanos, trabalha as noções de espacialidade e temporalidade, munindo de informações o analista.

Para a identificação das perspectivas topológicas e temporais na plataforma Facebook, seguimos as etapas de coleta, mineração, visualização, modularização, modelagem e reprocessamento de dados (MALINI, 2016). A coleta de dados foi realizada por meio da ferramenta oficial de monitoramento do Facebook, o *Crowdtangle*,¹⁷ que mensura o engajamento de publicações e realiza um levantamento das postagens da página de acordo com os filtros escolhidos, pelo período solicitado, identificando determinada quantidade de dados. A modelagem dos dados aplicada foi -50, para que fossem coletadas as 50 palavras mais recorrentes nas postagens; e o *software* utilizado para dar início à etapa de visualização foi o *Gephi*, o qual permite análise

¹⁷ O sistema *Crowdtangle* permite exportar um arquivo de texto com extensão *.csv*, que contém 26 colunas, cada uma correspondendo a um metadado de um *post* do Facebook, que podem ser processadas por meio do *script Ford*, tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A partir dele é que se inicia a próxima etapa de pesquisa, a mineração de dados, por meio de um procedimento denominado *Parse*, que permite justamente fragmentar o dado em diferentes tipos de arquivos. Dois dos arquivos gerados, dos quais nos servimos neste artigo, são o *top_words.csv*, que retorna as palavras mais populares e o valor da sua frequência, ou seja, permite identificar uma rede semântica, e um arquivo de grafo, formato *.gdf*, suscetível de ser plotado em *software* de visualização de grafo.

e visualização dos dados extraídos pela aplicação de algoritmos, *layouts* e valores que contribuam para a associação de uma análise cibernética com uma social, a desenvolvida pelo analista do discurso.

Na verdade, são as inserções, no sentido de interposição de uma coisa à outra, que permitem calcular o número de ligações entre os Nós (palavras), bem como calcular os conjuntos de palavras em seus grupos, formando os chamados *clusters*, nome técnico para o respectivo em português “agrupamentos”. Para gerar a leitura visual do grafo, o algoritmo de organização (*layout*) aplicado foi o *Force Atlas 2*, que possui um conceito de repulsão e atração (*LinLog*), atraindo os Nós mais próximos, mais coassociados, e repelindo os que estão mais dissociados. De maneira auxiliar, o *layout* “Circular Pack” também foi aplicado.

A partir desse processo, é possível ver o enredamento das palavras (coassociadas), para então permitir a identificação dos contextos associativos, percebendo as associações das palavras e os agrupamentos que elas conformam. É a fase de modularização. Assim, torna-se possível a sistematização dos dados coletados no Facebook, para que seja feita a análise. Depois de levantadas e apuradas essas informações, recortamos três postagens entre as que receberam maior número de interações. Para a análise, essas postagens foram tomadas como discurso. Ademais, empreendemos a interpretação do *dataset* completo.

Dentre as postagens coletadas, aquela com o maior número de interações foi a publicada pela página “Direito dos Animais”,¹⁸ cuja preocupação basilar, segundo a própria descrição da página, é estabelecer uma conscientização e orientar as pessoas a denunciar e combater os crimes contra quaisquer animais, contra o ecossistema

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitosdosAnimais/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

e contra crimes ambientais. Desde já, o enunciador se inscreve num posicionamento ecológico, fazendo ranger a enunciação jornalística sobre o “escândalo dos visons”.

No dia 4 de novembro de 2020, a partir do compartilhamento de um *link* que dá acesso à reportagem veiculada no mesmo dia pelo jornal “The New York Times” sobre a decisão da Dinamarca de matar todos os visons do país, a página manifestou-se, não a favor ou contra a decisão de matar os animais, nem sobre o risco anunciado da eficácia da vacina, mas em crítica exasperada à prática do ser humano de explorar animais. É a identidade enunciativa, no interior do discurso do Direito Animal, que se insufla de forma mais radical, no sentido de propor um modo de vida que condena a exploração da vida animal pelo homem. Revela-se, assim, um discurso que permanecia à sombra dos posicionamentos discursivos que atravessavam a enunciação jornalística.

Com os dizeres “É SO PARAR DE USAR PELES DE ANIMAIS, O PRIMATA SEM PELO APRONTA E QUEM E QUEM PAGA SÃO ESSES INOCENTE” logo antes de compartilhar o caso dos visons, a página Direitos dos Animais abaixo prenuncia o sentimento de significativa ojeriza, sobretudo pela escolha dos caracteres escritos em caixa alta (ADAM, 2011). Mas, para além disso, as escolhas lexicais nos indicam que não se trata de algo pontual ao caso dos visons. Nomear o ser humano de “primata sem pelo” denuncia o tom (MAINGUENEAU, 2010, 2015a, 2020) pejorativo ao ser humano, em especial no que diz respeito ao trato com os animais, a quem escolhe chamar de “inocente(s)”.



Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

É de se destacar, ainda, o imediatismo da rede social, isto é, os modos de coprodução, revelados não apenas pelo compartilhamento da notícia no mesmo dia em que veiculada, mas também pelos modos de enunciação. Expressões repetidas, a pontuação e a sintaxe, por exemplo, produzem um efeito de “urgência” das ações práticas. Com efeito, a coprodução escrita no espaço digital da internet joga com marcas da modalidade oral da língua. O Facebook também disponibiliza aos enunciadoreis-perfis modos de interação tecnológicos por meio de “botões” alternativos ao tradicional “curtir”, os quais, igualmente em forma de *emoji*, apresentam “menus” de “reações técnico-afetivas” que, no Brasil, recebem os nomes “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”.

A publicação de que ora se fala contou com 1176 interações, dentre as quais 421 foram de “Triste” (tristeza) e 376 de “Grr” (raiva), além de 68 compartilhamentos e 78 comentários, todos partilhando o mesmo tom (MAINGUENEAU, 2020) enraivecido e entristecido, materializados por enunciados do tipo: “agora os bichinhos são culpados, enquanto o culpado é o homem, que os escraviza para torturá-los em nome da moda e da ganancia do dinheiro”. “Pobre animais, não tem liberdade nascem para morrer, que vida mais estúpida, é só euros nos cornos de

certos humanos”. “O pior vírus é a humanidade não eles”, “O vírus está na mente humana, o mundo está doente de alma”, “Um país tão rico e tem quem viva a custa de animais por causa da pele? Lamentável... idade das trevas 🙄🙄🙄🙄🙄🙄”, entre outros.

Já a publicação da usuária “Andrea Moreira da Rocha”¹⁹ no Grupo Público “Delegado Bruno Lima”,²⁰ que também identifica em sua descrição a posição em defesa dos animais, isto é, evoca uma identidade antiespecista de engajamento, compartilha um *link* de outro dispositivo comunicativo, o jornal “Correio Braziliense”, sobre o mesmo tema. A postagem recebeu um total de 159 interações, dentre as quais 24 foram de “Triste” (tristeza) e 36 de “Grr” (raiva), além de 36 compartilhamentos e 43 comentários. Essas marcas linguístico-discursivo-semióticas podem ser observadas na materialidade discursiva na publicação a seguir.

Delegado Bruno Lima

Andrea Moreira da Rocha compartilhou um link. 6 de novembro

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2751016468486972&id=100007359369129

A FARSA DA DINAMARCA!!!
O MALTRATO AOS ANIMAIS É MUNDIAL!!!
SABEMOS QUE O ÚNICO VETOR DO CORONAVÍRUS É O SER HUMANO!!!
NA CHINA ESSE VÍRUS FOI ENCONTRADO EM MORCEGOS MAS ATÉ HOJE NÃO SAJU NENHUMA MATÉRIA NO MUNDO SOBRE EXTERMÍNIO DE MORCEGOS!!!!
PARA QUE O ANIMALZINHO QUE PRODUZ O VISON FOSSE UM VETOR TERIA QUE SE FAZER EXPERIMENTO EM LABORATÓRIO TRANSPORTANDO DO SER HUMANO PARA ELES ATÉ HOJE NÃO HA NENHUMA PESQUISA DO MAL EM LABORATÓRIO QUE TENHA FEITO ISSO!!!
O QUE HÁ POR DETRÁS DO EXTERMÍNIO DE 17 MILHÕES DE VISON É APENAS MAUSTRATOS AOS ANIMAIS O PRAZER PERVERTIDO E PSICOPATA DE MATAR UM BICHINHO VIVO QUE É MORTO PARA GERAR CASACOS DE PELE PARA PESSOAS IMBÉCIS E IDIOTAS!!!!!!

#NAOAOEXTERMINIODE17MILHOESDEVISONSNADINARCA
#SOUCONTRACASACODEPELEDEVISON

Andrea Moreira Indignada e GRITANDO POR JUSTIÇA pelos Animaizinhos VISIONS que seram sacrificados na "d'inamarca 🙄🙄🙄🙄🙄🙄

CORREIOBRAZILIENSE.COM.BR
Dinamarca vai sacrificar 17 milhões de animais para evitar mutação do coronavírus

80 43 comentários 36 compartilhamentos

Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

¹⁹ A publicação da usuária em sua própria página não aparece em nosso *dataset*, uma vez que a coleta filtrou apenas as publicações de páginas públicas. Em seu perfil, a mesma publicação já havia rendido um total de 168 compartilhamentos até o momento desta escrita.

²⁰ <https://www.facebook.com/delegadobrunolima/>

Conforme se verifica, a enunciação opta pelo mesmo recurso de texto em caixa alta, para produzir um efeito de sentido de exasperação, o que também é confirmado pelo uso reiterado de sequências exclamativas, cuja marca linguística é o sinal exclamação [!], bem como por escolhas lexicais normalmente rotuladas como impolidas, rudes e agressivas (AMOSSY, 2011), como o dizer “PESSOAS IMBECIS E IDIOTAS”. No entanto, não há como se furtar do conteúdo especulativo e não comprovado das informações levantadas na postagem. Trata-se aqui de um embate corpo a corpo, ou palavra a palavra em que, como enfatizou Amossy (2011), os usuários podem mostrar as suas diferenças e se envolver no confronto violento e apaixonado ou, prossegue ela, compartilhar um espaço de trocas sem chegar a socos ou armas. De toda sorte, mesmo a insinuação – por exemplo, de que as mortes dos visons tenham sido providenciadas para alimentar um “prazer perverso e psicopata de matar”, ainda que não encontre base na realidade concreta – contribui para desvelar o discurso apagado em favor da causa animal na enunciação jornalística.

Nos dias que se sucederam ao anúncio feito pela chefe do governo dinamarquês, outras questões polêmicas emergiram como desdobramento da medida adotada, desde questões ambientais, como a emersão à superfície dos corpos dos visons em decomposição,²¹ até questões jurídicas, como a discussão sobre a (in)competência legal do Executivo para ordenar o abate. Um dos eventos que gerou repercussão foi a visita da primeira-ministra a uma das fazendas, onde houve o sacrifício de todos os mamíferos.

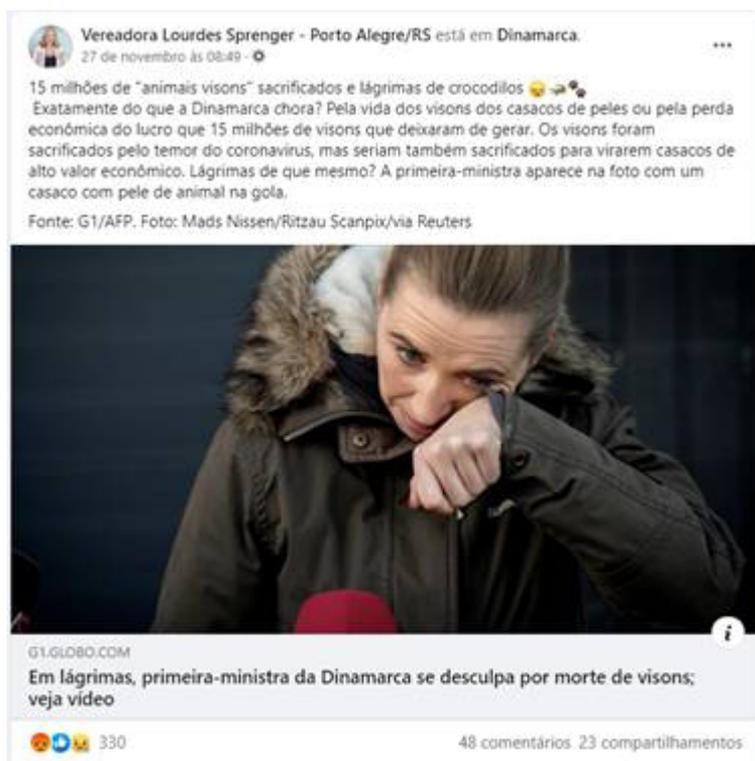
A página “Vereadora Lourdes Sprenger”²² compartilhou um *link* de uma das reportagens sobre esse acontecimento e a sua publicação apareceu em nossa coleta na quinta colocação em termos de

²¹ Disponível em <<https://www.istoedinheiro.com.br/animais-mortos-com-mutacao-da-covid-emergem-da-terra-na-dinamarca/>> Acesso em: 27 nov. 2020.

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraLourdesSprenger/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

interações totais, com 392 interações, dentre as quais 68 reações de “Triste” (tristeza) e 147 de “Grr” (raiva), além de 23 compartilhamentos e 48 comentários. A identidade da página marca-se como ativista da causa animal e do meio ambiente e define o respeito pela vida como “compromisso com pessoas e animais”, inscrevendo-se, portanto, no posicionamento ecológico, que evoca a identidade de engajamento.

A enunciação se escora na escolha de um alvo de ataque, a primeira-ministra. Por meio de alguns recursos, o enunciador consegue trazer à tona o discurso do Direito Animal, que fora apagado na enunciação jornalística sobre o abate dos visons, como ilustra o post a seguir.



Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

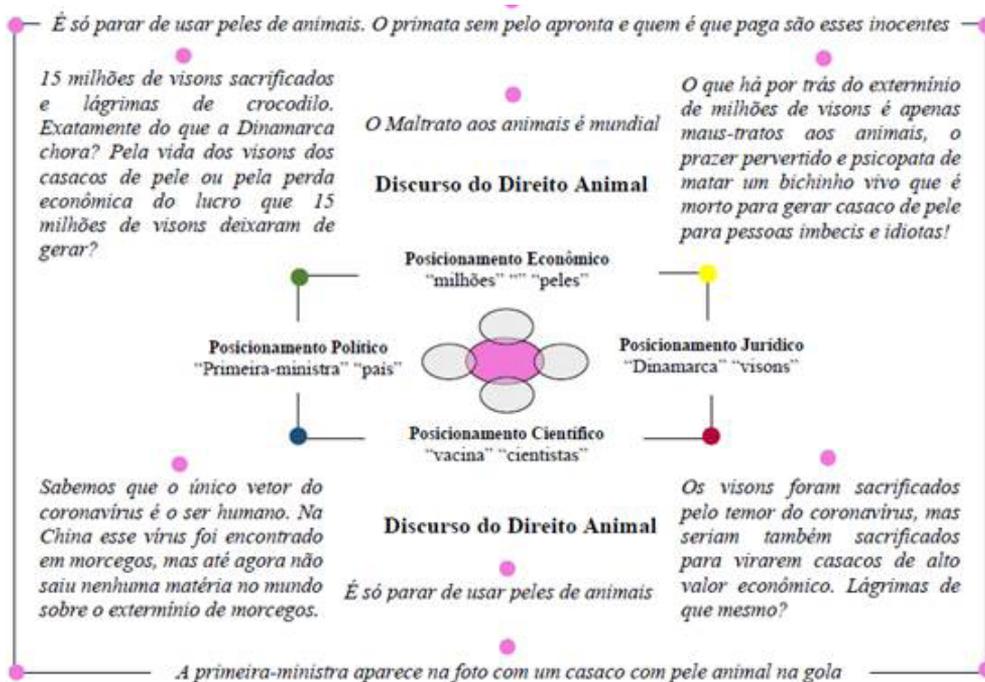
É o que acontece com a inclusão “de crocodilos” para qualificar o item lexical “lágrimas”, utilizado na reportagem. Além da afirmação de que a vestimenta utilizada pela primeira-ministra na foto veiculada é um casaco com pele animal, convidando o coenunciador-leitor a inferir que a chefe de governo não se importa com os animais, porquanto utiliza as suas peles, produto da sua exploração. O enunciador-perfil, nesse sentido, enuncia numa arena de luta, interpellando, de modo incisivo, o posicionamento político.

Guiados pelo mesmo tom implicado na publicação, os comentários seguiram a linha de ofensa direta à primeira-ministra, compartilhando dizeres como “Ridícula hipócrita”, “Baita ordinária, dissimulada, monstruosa!!! Tinha que ter leis e prender toda essa gente hipócrita, desgraçados!!! 🤔🤔🤔🤔”, “falsa maldita sem alma”, “Se se importasse proibia essa exploração”, “Que horrívelllll. Ninguém c cabeça usa casacos de pele natural. Só sintético”. Esses enunciados, em seu conjunto, ilustram um posicionamento em rede, que cliva o posicionamento ecológico e, certamente, o discurso do Direito Animal. Eles marcam, dessa forma, identidades enunciativas bastante diversas. Porém, se reunidas, fortalecem um embate verbal recorrendo muitas vezes a enunciados violentos que marcam a ciberviolência discursiva.

No esquema 2, a seguir, sintetizamos alguns desses enunciados, recortando-os dos posts que aqui analisamos. Os pontos verde, amarelo, azul e vinho investem em quatro posicionamentos discursivos, a saber: o político, o científico, o econômico e o jurídico. Eles se atravessam e são inapreensíveis como materialidade, isto é, um posicionamento em sua forma material/textual apenas pode ser observado se o analista reunir um corpus que, de seu ponto de vista, revela tal e tal posicionamento. Por sua vez, os enunciadores-perfis nos pontos em rosa, que aqui inscrevemos no posicionamento ecológico, engajam-se para pressionar, denunciar, atacar, refutar,

desqualificar de diferentes modos os posicionamentos discursivos que eles mesmos invocam (o político, o científico, o econômico, o jurídico), para marcar a sua diferença, também, aos valores, às crenças e às ideologias sedimentadas nesses posicionamentos. Dessa forma, uma identidade antiespecista, aparentemente coesa em relação à causa animal, não se apresenta em toda a sua integridade discursiva, ao contrário, deixa-se ver pelas fissuras que lhe são constitutivas.

Esquema 2. Espaço discursivo de embates entre redes



Fonte 1: Elaborado pelos autores

A noção de posicionamento discursivo permite recortar do social esferas de atividades mais extensas, que agrupam atores sociais em torno da economia, da política, da ciência, da religião, da imprensa, bem como em torno de crenças, valores e ideologias. Os pontos na cor rosa no esquema apresentado indicam que esses enunciadores

antiespecistas, embora estejam à margem da enunciação político-midiática, “cercam” o debate sobre o tema. Esses enunciadores-perfis fazem circular, entre as redes sociais, modos de dizer diversos, que incitam um sem-número de práticas verbais “mais mundanas”, como pode ser observado no Esquema 2 acima e nos Grafos apresentados anteriormente (Figuras 1 e 2).

Contudo, esses posicionamentos possuem uma natureza *epidiscursiva*, isto é, são recortes discursivos, produzidos pelo analista, que agem diretamente no discurso analisado. É nesse sentido que fazemos intervir no discurso do Direito Animal um conjunto de outros posicionamentos. Essa intervenção não é apenas uma escolha pessoal, mas diz respeito à mobilidade dos usuários das redes e à maneira pela qual os discursos circulam no ecossistema digital (PAVEAU, 2021); sociabilidades digitais inseparáveis dos grupos e das instituições que as engendram e as tornam orgânicas (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). A organicidade, portanto, deixa-se observar em toda a sua heterogeneidade.

Considerações finais

Nas atuais condições sócio-históricas e culturais da sociedade contemporânea, a descentralização da palavra implica o avanço de debates/embates democráticos que, embora muitas vezes violentos, permitem que a (des)informação se propague em uma velocidade nunca vista. No interior dessas trocas virtuais, as práticas tecnodiscursivas se apresentam como um conjunto de dados aptos a serem coletados, processados, mapeados e interpretados eletronicamente por meio de diversas ferramentas de extração, mineração, visualização (MALINI, 2016). Em debates públicos mais calorosos, em que se costumam grandes disputas ideológicas, econômicas, políticas, religiosas, as dimensões e o volume das práticas tecnicodiscursivas são tão expressivas e

significativas que a ação humana sozinha não seria capaz de organizar, filtrar e analisar os dados obtidos desses embates. Diante disso, é a própria tecnologia que nos permite compreendê-los melhor.

Nessa senda, o presente trabalho examinou o discurso do Direito Animal no bojo da enunciação jornalística sobre o caso, chamado pela imprensa dinamarquesa de “escândalo dos visons”. Mobilizamos, para tanto, a noção de posicionamento discursivo proposta por Maingueneau (2008), no quadro da Análise do Discurso de linha francesa em sua perspectiva enunciativo-discursiva, e a Análise Perspectivista de Rede (MALINI, 2016) que, além de dialogar com as propostas do linguista francês, forneceu-nos as ferramentas tecnológicas para a coleta dos textos analisados neste trabalho.

Com esse diálogo, foi possível iluminar o discurso do Direito Animal, uma vez que, no caso dos visons, o enunciador digital que fala no interior do posicionamento ecológico evoca uma identidade antiespecista de engajamento na fronteira da enunciação jornalística. De fato, ele tentava se equiparar com as vozes que falavam em nome do político, do científico, do econômico, do jurídico, reforçando, mais e mais, que o abate da população inteira de visons, na Dinamarca, não só era o corolário da pandemia causada pelo coronavírus, mas o próprio modo dos seres humanos tratar os animais.

Assim, fundamentados pelo aparato teórico-metodológico da análise computacional e da análise do discurso digital, foi possível reunir um conjunto de textos (publicações do Facebook) que materializam, por meio de diferentes modos de enunciação, o discurso do Direito Animal, de forma a ampliar, de maneira considerável, o debate público sobre o caso em foco. No interior desse discurso, vimos emergir identidades engajadas, isto é, enunciadores que se mobilizam com intuito de instaurar e conservar a sua identidade enunciativa em torno de uma causa ecológica. Num espaço de trocas construído em redes, em que nenhum

posicionamento é livre de Nós, arestas, fissuras e cisões, as identidades dos posicionamentos marcam a posição ocupada pelo enunciador-perfil no interior de um dado ecossistema, em relação aos sistemas de valores que aí circulam. De fato, posição-sujeito não se caracteriza de modo absoluto e estável, mas, como lembram Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 267), em função dos discursos que esse enunciador produz.

Referências

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, Ruth. La coexistence dans le dissensus. *Semen* [Online], 2011, publicado em 01 de abril de 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/9051>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega/Passagens, 1996. p. 83-96.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3.ed. Tradução Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Universidade Estadual de Campina, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Sírio Possenti; Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (org.) Tradução Adail Sobral...[et al.] São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. ampl. Tradução Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015a.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso? *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2015b.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, Roberto Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira (Orgs.). *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas, SP: Pontes, 2016. MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. *XXV Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Junho de 2016. Disponível em: http://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

MALINI, Fábio. A palavra e as “coisas”: como montar a sua lista de termos para coleta de dados em redes sociais. *Medium* [online], 2020a. Disponível em: <https://medium.com/@fabiomalini/a-palavra-e-as-coisas-como-montar-a-sua-lista-de-termos-para-coleta-de-dados-em-redes-sociais-39ed3648ea4>. Acesso em: 09 nov. 2020.

MALINI, Fábio. Quando tudo parecia ser tão distante daqui: a eclosão das narrativas sobre covid-19. *Medium* [online], 2020b. Disponível em: <https://medium.com/@fabiomalini/quando-tudo-parecia-ser-t%C3%A3o-distante-daqui-a-eclos%C3%A3o-das-narrativas-sobre-covid-19-23ef531b1be1>. Acesso em: 03 nov. 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Trad. Costa, J. L.; BARONAS, R. L. (Orgs.). Campinas, Pontes, 2021.

Recebido em: 29/07/2021
Aprovado em: 16/02/2022